

Cantos

de Hoje



antologia poética



© Cantos de Hoje - Antologia Poética by respectivos autores
2012

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem autorização por escrito dos respectivos autores dos textos.
As opiniões e ideias veiculadas nos textos
são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Projeto gráfico, editoração eletrônica:

Abilio Pacheco & Deurilene Sousa

Capa e ilustrações internas:

Natália Menezes - www.nataliamenezes.com

Seleção e revisão:

Abilio Pacheco, Deurilene Sousa
(organizadores) e os próprios autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A634 Cantos de Hoje - antologia poética / organiza-
dores Abilio Pacheco, Deurilene Sousa. –
Belém: LiteraCidade, 2012.

p. 152

ISBN 978-85-64488-00-7

1. Literatura Brasileira. 2. Poemas. I. Pacheco, Abilio. II.
Sousa, Deurilene.

CDD: 869.80981

LITERACIDADE

CNPJ: 12.757.748/0001-12 Ins. Est. 15.317.340-8

Caixa Postal 5098 - CEP 66645-972 - Belém-PA

Telefones: (91) 8263-8344 // 8896-0379

editoraliteracidade@uol.com.br // www.literacidade.com.br

Cantos de Hoje

antologia poética

abilio pacheco
deurilene sousa
(organizadores)



Cantos de Hoje: epicidade e lirismo reflexivo

Abilio Pacheco ()*

Cantos e Contos de Hoje procura inovar as coletâneas literárias alternativas com uma proposta de reunir autores com uma quantidade igual de páginas, com uma ilustração na folha de rosto e uma página para biografia. Mas também se propõe a apresentar dentro e fora do circuito alternativo um painel que reflita acerca do fazer literário dos autores que constam no volume. Nesta primeira edição do projeto, fazemos vir a lume dois volumes: **Cantos de Hoje (antologia poética)** e **Contos de Hoje (narrativas)**; coisa que talvez repitamos de um modo diferente numa próxima edição, tanto por causa dos problemas em torno da presente edição, quanto da urgência que hoje se faz a celeridade das publicações e a melhor divulgação (“espalhação”, sementeamento) do trabalho produzido usando os recursos que as tecnologias atuais nos possibilitam.

Nesta antologia poética, constam 14 autores com um versejar relativamente diverso entre si, mas que guardam aproximações especialmente em dois pontos: uma consciência e uma preocupação com a produção poética, por isso muitos poemas falando sobre a própria poesia ou sobre o próprio texto; e uma forte relação com o mundo exterior ao intimismo, a poesia moderna assume uma dimensão épica na medida em que o sujeito lírico tematiza a vida social, o cotidiano, os problemas próprios do estar-no-mundo. Em outras palavras, o sujeito lírico nos poemas desses 14 autores se apresenta como um ser-palavra, mas também como um ser-social.

Abrem este volume, os cantos de Airton Souza, da Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará, com sede em Marabá, com alguns poemas de seu livro **Rua Displacente** (no prelo pela LiteraCidade). Com a difícil tarefa de selecionar alguns para esta publicação, procuramos poemas que pudessem mostrar pontos relevantes (não exatamente os principais) da produção do autor. Um lirismo que versa sobre o próprio ato de versejar, um forte telurismo (as ruas e os rios de Marabá) e um jogo intertextual que por vezes flerta com a literatura de autores marabaenses (nesta seleção ‘Habitat’ faz referência a um poema meu).

Como um contraponto do outro lado do Atlântico, a grata presença de Antonio Boavida, professor universitário aposentado, cuja carreira literária ganhou mais ritmo há poucos anos, mas já apresenta um currículo de publicações e - principalmente - premiações, outorgas e destaques. Antonio não só traz o gostoso sotaque português, mas também nos presenteia com a forma clássica do soneto, tanto em decassílabos bem cuidados quanto nas redondilhas com sabor medieval. Neles temos a reflexão sobre a atividade do poeta e também versos com temas universais da poesia, como a esperança e a solidão.

De Santos-SP, “o poeta guarda o mar nos olhos”, voltando para este lado do Atlântico, Benilson Toniolo, ativista cultural, membro de entidades literárias e autor já com livros publicados, recebe os leitores com este verso inesquecível. Os poemas de Benilson aqui publicados falam sobre a poesia e o poeta numa esfera místico-etérea. Sem o peso religioso, apenas elevando-os a um plano supra terreno, porém curiosamente sem desprendê-los totalmente da realidade.

Carla Miguelote deixa-nos sem fôlego com **Afasia**, um poema dividido em 23 partes, que formam uma narrativa em fragmentos. O delicado tema da violência sexual contra crianças encontra guarida em versos cuidadosos, de denúncia não-panfletária, mas que soam emotivamente como um convite à conscientização e à luta. **Afasia** tem a força simples das obras primas, da qual podemos sempre tirar mais um pouco. É poema que merece uma análise que escape ao espaço desse prefácio, pela forma como problematiza, por exemplo, o trauma, a necessidade e dificuldade de verbalização da vítima/testemunha.

Nos cantos de Cristina Danois, predomina a reflexão sobre “o ofício laborioso”, “a tarefa árdua” do fazer poético em grande parte pautada pela busca da “palavra perfeita”, do “verso perfeito”, sem ser (neo)parnasiana. Nessa busca, a reflexão lírica é reforçada pelas relações estabelecidas com a natureza, numa poética em que

não faltam *sol, rio, terra, fogo, brasa...* Em alguns momentos, essa autorreflexão literária se configura num auto-perscrutar-se do sujeito lírico que se afoga, se devora, se despedaça...

Com Djanira Pio, os **Rituais da vida** em 15 poemas (ou um poema de 15 partes) nos fazem lembrar uma afirmação de Adélia Prado sobre o valor do cotidiano (da rotina) e da potência que a literatura sobre isso guarda: o poeta admira-se das coisas que estão diante de nossos olhos sempre e que, muitas vezes, não damos a menor bola. Somente o peso da experiência dessas duas poetisas (Adélia e Djanira) para fazer do verso um espaço privilegiado onde nós, leitores, podemos também nos pasmar com o que é tão ordinariamente maravilhoso.

Do chão fértil de Minas nascem os **Filhos da pedra**. Evaldo Balbino, professor de português e com ampla formação acadêmica em literatura (mestrado e doutorado na área), além de premiações importantes em certames literários, destacou de seu livro (já lançado pela NELPA) os poemas aqui publicados. Evaldo não é um poeta difícil, mas sua poesia sempre parece nos dizer bem mais do que realmente diz ('Objetos difíceis' é um bom exemplo disso). Por isso, 'Minas' e 'pedras' aqui são e não são um lugar geográfico e um mineral. Como diz Gil na canção 'Metáfora', "quando o poeta diz meta /pode estar querendo dizer o inatingível".

Nos cantos de Fabrício Possebon, encontramos um lirismo refinado, de versos curtos pontuais e com referências a outros autores (os quais, vergonhoso confessar, nem sempre presentes em nosso repertório). Fabrício tem uma formação bem variada, fez Engenharia e Letras, domina Grego e Latim... o que explica a origem da intertextualidade e a depuração verbal. Os poemas aqui publicados são também pequenas peças poéticas, que num flash sintetizam situações líricas clássicas: como a noite e a despedida.

Ler os **movimentos da existência** sem saber que Fernanda Leite Bião é psicóloga talvez possibilite ao leitor uma compreensão diferente da que se tem depois dessa informação. Os poemas dessa jovem escritora revelam experiência de vida e maturidade poética de deixarmos maravilhados e de nos fazer acreditar que a autora tenha um saber de vivência-etária feito. Ao sabermos de sua atividade de psicóloga não ficamos menos maravilhados, mas temos a grata surpresa, senão de saber, ao menos de desconfiar da matéria-prima dessa poética. Em 'Desassossego', por exemplo, parecemo-nos deparar com a fala do consultório convertida em matéria poética.

O primeiro poema de Gisele Wolkoff já desponta uma agradável ironia que nos demais poemas aparece um pouco mais disfarçada. Em ‘Sonho meu’, o eu-lírico brinca com a possibilidade de ter um ‘corpo franzino’; nisso termina alfinetando o ‘corpo perfeito’, coisa imposta, quase produto industrial despersonalizado. O poema parece remeter ao ‘Pasárgada’, de Manuel Bandeira, mas aqui o ‘corpo perfeito’ é um *locus* cujo desejo é demarcado pela ironia. Os poemas de Gisele também terminam por dizer bem mais do que dizem e, ‘Despertar’, por exemplo, trazem um gostoso lirismo de ‘rito’ hodierno; disso que está aí no cotidiano e que pouca atenção nós damos.

Se o leitor for a algum dicionário, é bem provável que não encontre ‘latumiações’. Paulo Frontier, professor da área de Letras, nascido em Vitória(ES) e residente em Dom Elizeu, no sudeste do Pará, é o “descriptor” dessa algazarra verbal ou lamentação sem controle. Não que seus poemas sejam desorganizados ou queixosos, mas o princípio organizador dos poemas (principalmente dos poemas mais longos) repousa na ideia de latumiá. O leitor pode julgá-lo um ‘neo’dadaísta ou que escreve por livre associação e não estará totalmente enganado. “Go! Go! Go!”

Essa lógica, meio a-lógica da poesia moderna, também pode ser encontrada nas **notas para um fotógrafo**, do jovem Raony Barbosa Ribeiro. A advertência que nos foi feita de que seu trabalho literário não era atividade à toa, mas ponderada, chegou inútil, já havíamos lido os poemas e percebido o cuidado nada aleatório ou displicente de seu trabalho. É gratificante encontrar um jovem escrevendo de maneira tão consciente, tão boa e tão audaciosa. Precisamos, na literatura, de outros raonys, precisamos de (propostas de) renovação. Veja-se, por exemplo, em ‘uma corda, por favor’ como o jogo verbal (lógico-alógico) mostra uma atitude (pós-)moderno-concretista de exploração das potencialidades das palavras.

“Não sou escritora” afirma o eu-lírico do primeiro poema de Rose Lourinho. Ela, que é professora de artes (leia-se artes plásticas como quer o MEC) e tem um trabalho discreto e bom como artista plástica, deixa aqui escapar uma modéstia que beira a falta de percepção de suas próprias potencialidades literárias. Foi difícil convencê-la a tirar os poemas da gaveta e mais difícil ainda convencê-la que são bons. A maioria de seus poemas apresentam versos longos... seu eu-lírico, retido por modéstia ou timidez, ao encontrar alguma permissão para se expressar, transborda-se pelos versos. Essa contenção emergindo à força também é possível notar pelo conteúdo em poemas como ‘Subversiva’ ou ‘Lado negro’.

De um lirismo leve e bem cuidado é o **Ofício de versos**, de Soniamar Zschornack. A palavra pede a próxima, não como se exigisse, mas como um convite irrecusável (“Contemplar minha cidade, / Completar minha saudade”). Sem precisar ‘espremer’, escorrem palavra após palavra, verso após verso num fio que vai tecendo um poema após o outro. Não é à toa a escolha do título desse conjunto de poemas; ofício se pratica por um ‘sentimento de dever’; não é como trabalho que soa obrigatório quase punitivo. Os versos curtos, os temas e a escolha vocabular bem nos fazem sentir certa maciez que vem das mãos de quem os faz/fez.

Além do lirismo consciente e da força épica presentes nos cantos dessas 14 vozes, vale ressaltar a poesia de Natália Menezes, que é de Recife e mora em Belém, escritora com um livro publicado, formada em Física e aluna do mestrado em Física da UFPa. Foi ela quem assumiu a tarefa de executar uma tradução resumitiva dos poemas dos autores a fim de fazer os desenhos das folhas de rosto e com isso deu um toque especial aos dois volumes deste projeto.

Estamos certos de que a literatura e a poesia brasileira atuais não estão no marasmo no qual muitas vezes um ou outro autor as costuma alocar e as vozes aqui soantes são uma boa prova disso.

(*) Professor Universitário de Literatura (UFPa-Bragança), mestre em Letras - Estudos Literários (UFPa-Guamá). Escritor, editor e revisor de textos. Membro correspondente da Ac. de Letras do Sul e Sudeste Paraense e Doutorando em Literatura (THL-UNICAMP)

ÍNDICE

Cantos de Hoje: epicidade e lirismo reflexivo, por Abílio Pacheco	(5-9)
Rua Displacente, de Airton Souza	(13-22)
Sonetos de Antonio Boavida Pinheiro	(23-32)
Cantos de Benilson Toniolo	(33-42)
Afasia, de Carla Miguelote	(43-52)
Cantos de Cristina Danois	(53-62)
Rituais da Vida, de Djanira Pio	(63-72)
Poemas de ‘filhos da pedra’, de Evaldo Balbino	(73-82)
Cantos de Fabrício Possebon	(82-92)
Movimentos da existência, de Fernanda Leite Bião	(93-102)
Cantos de Gisele Wolkoff	(103-112)
Latumiações sucintas, de Paulo Frontier	(113-122)
Notas para um fotógrafo, de Raony Barbosa Pinheiro	(123-132)
Cantos de Rose Lourinho	(133-142)
Ofício de Versos, de Soniamar Zschornack	(143-152)

Livro impresso em Arno Pro e em Candara, em papel ap 75gr/m²,
para a Editora LiteraCidade em 2012.